

TRANSCRIÇÃO DOCUMENTÁRIO CAIXA PRETA

Niall Ferguson

Deixe-me falar com você como se estivesse falando a um sobrevivente do apocalipse e o ano não fosse 2017, mas 2117.

Tudo foi destruído, não há internet e, pior do que isso, não existem cidades.

A grande conflagração climática, combinada com a 3ª Guerra Mundial, devastaram a humanidade.

Então, ocorreu uma epidemia de influenza contra a qual não conseguimos resistir.

Portanto, a população mundial foi reduzida, dizimada por doenças.

A única razão pela qual você consegue ouvir essa entrevista é porque em uma Caixa Preta existe um último computador funcionando por energia solar, que pode reproduzir o que foi gravado em novembro de 2017.

O que posso dizer sobre a civilização que você perdeu?

TÍTULO CAIXA PRETA

(Créditos iniciais)

CARLO ROVELLI

Penso que, quando a sociedade prefere não mais ouvir a ciência, ela se coloca em perigo.

O conhecimento é a base do mundo moderno.

O mundo atual é resultado de muitas coisas, mas uma das mais essenciais era a procura pelo conhecimento, que ocorreu da antiguidade até os tempos modernos, a renascença e a revolução industrial do mundo moderno.

Existe uma desvalorização do conhecimento hoje em certos meios e creio que isso seja devastador para a humanidade.

A humanidade se arrisca, nossa civilização não é tão estável como às vezes pensamos, existem muitos perigos, nós fazemos coisas estúpidas.

No século passado, fizemos duas guerras mundiais que mataram 70 milhões de pessoas.

Foi totalmente estúpido, destruímos populações.

Uma das melhores defesas contra esses desastres é o pensamento racional e o conhecimento.

A ciência certamente não possui todas as respostas.

Nós, seres humanos, não possuímos todas as respostas.

Mas a ciência é uma maneira de evitar erros, e perceber quando se está errado.

Portanto, devemos escutar a ciência, devemos escutar o pensamento racional, devemos ser racionais.

E devemos ter muito cuidado com nossa paixão, ou nossas paixões políticas que podem nos desvirtuar do pensamento racional.

O universo não tem acima e abaixo, acima e abaixo não são parte da estrutura do universo.

Entretanto, eles existem aqui.

Por que? Bem, porque estamos em um planeta e existe a gravidade deste planeta.

Portanto, nesta pequena camada da terra existe um acima e um abaixo bem definidos.

Podemos, ao mesmo tempo, pensar que alguns conceitos não são universais, não são parte do tecido da natureza, porém, ao mesmo tempo, fazem sentido para nós.

E creio que o mesmo ocorre um pouco com o conceito de tempo.

O tempo não está preso na estrutura do universo, mas nós vivemos no tempo.

Nós, em nossa escala, em nossa região do universo, estamos imersos no fluxo do tempo.

Logo, o tempo não é universal. O universo não é algo que *clica* com o tempo.

O tempo é algo localizado, uma coisa aproximada, mas, contudo, é de suma importância para nós.

Somos seres, criaturas do tempo.

De fato, penso que, para entender o que é o tempo, o que é uma pergunta fantástica, a maior pergunta em aberto da atualidade, não deveríamos observar a física do universo lá fora, deveríamos olhar para dentro de nós mesmos.

O tempo é nossa ignorância, se pudéssemos ver os detalhes infinitos e inumeráveis do mundo, não teríamos essa sensação de fluxo de tempo, creio.

APRESENTADORA KAYA RODRIGUES

Em uma manhã de 24 de Agosto do ano 79, os moradores das cidades italianas de Pompéia e Herculano foram surpreendidos por uma erupção inesperada do Vesúvio. A massa de lava e gases causou uma reação que transformou os corpos dos habitantes em estátuas petrificadas, no exato instante de suas mortes. 1600 anos mais tarde, historiadores encontrariam cenas inteiras, intactas, soterradas sob o solo. Uma mãe amamentando seu filho, três amigas que retornavam de suas orações, um cachorro preso por correntes...

Se a morte nos pegasse de surpresa, e nos petrificasse para a eternidade, quais seriam os retratos da nossa civilização? Pessoas petrificadas em frente a computadores, olhando para celulares, nos ônibus a caminho de seus trabalhos?

JAN GEHL

Se você, por um longo período de tempo, promove o ciclismo, oferecendo uma boa infraestrutura ciclística, o que acontece?

Mais e mais pessoas pedalam mais e mais, e hoje em Copenhagen, 45% das pessoas vão para o trabalho de bicicleta, pois foram convidadas a fazer assim.

Portanto, você pode promover um comportamento, como estou falando, e a maioria das cidades promovem o aumento do uso do automóvel, mas você pode promover mais diversão, mais lazer, mais caminhar, mais pedalar e, ao fazê-lo, você faz algo muito importante para o clima e algo muito importante para a saúde individual das pessoas e também, provavelmente o mais importante, você consegue uma cidade mais habitável, uma cidade viva, onde as pessoas se encontram mais, tem simpatia pela sociedade e a inclusão social.

Se você tem uma sociedade em que ninguém sai de casa, pois, ou saem apenas de automóvel, ou não querem sair, então as pessoas só se encontram pela televisão, onde você só vê assassinatos, terrorismo, e as coisas ruins, realmente, mas ter uma cidade onde você sai para caminhar, se movimentar e celebrar nas praças e parques, todo dia é um bom dia, é outro tipo de cidade, e podemos dizer que ser bons com as pessoas na cidade é muito bom para a segurança, é muito bom para ter um ambiente atraente.

Não há nada mais atraente em uma cidade do que as pessoas, elas são nosso maior interesse por toda a vida.

Mas é também importante para a inclusão social e a democracia.

SUSAN PINKER

Quando nos apaixonamos pelo carro, essencialmente as pessoas não viram as desvantagens, apenas as vantagens de se ter um carro, o aumento de mobilidade que ele proporcionava, a sensação de liberdade, o fato de que seu filho estivesse doente, você poderia leva-lo de carro para o médico.

Haviam tantas vantagens, você podia visitar parentes de longe, mas ninguém pensou nas desvantagens como os buracos nas ruas, o buraco na camada de ozônio e que isso iria contribuir para o aquecimento global.

E, quando conseguimos perceber isso tudo, já era tarde.

Nossas cidades mudaram irreversivelmente, muitas delas, e nosso clima mudou, não sei se conseguiremos reverter isso.

E penso que o mesmo ocorre com a nossa vida em sociedade hoje, com o advento da tecnologia digital, que é tão incrível e eficiente em diversas maneiras, e mais barata, veja, de muitas formas.

Mas ela tem desvantagens, e não estamos ainda no momento, enquanto sociedade, de perceber o que estamos perdendo.

Existe uma expressão no blues que diz, “você não sente falta da água até o fosso secar”.

Creio que seja a mesma situação no caso da tecnologia digital.

É uma enorme vantagem, não vou jogar meu celular no lixo tão cedo, mas, com nossa dependência na tecnologia digital, estamos perdendo algo muito importante.

APRESENTADORA KAYA RODRIGUES

Nasça, cresça, estude, entre numa universidade, arranje um emprego, encontre o amor de sua vida antes dos 30, case, tenha filhos, acorde todos dias às 6h, pausa para o café, bata tuas as metas de produção, mantenha-se sempre em forma. Vá a igreja, seja fiel, pague os boletos antes do dia 05, troque de carro à cada dois anos, não pare, não sinta, não veja, não conte a ninguém. Cumpra seu papel, cumpra com seu dever. Envelheça, se aposente, descanse em paz.

JAN GEHL

O conceito de mobilidade de Detroit em 1905, de assegurar a mobilidade dando a cada indivíduo 4 rodas de borracha, uma em cada canto, foi uma tecnologia muito esperta para o Velho Oeste e as áreas rurais.

Mas é uma tecnologia completamente tola para a mobilidade urbana, e quanto maior a cidade, mais tola e inútil essa tecnologia é.

SUSAN PINKER

Realmente precisamos de interação social durante nossa jornada diária, tanto interações com conhecidos casuais, as pessoas que você conhece pelo bairro, o motorista do ônibus, caso você pegue a mesma linha diariamente, ou o jornalista se você compra o jornal na mesma banca todo dia, essas interações são realmente importantes, segundo pesquisas.

Assim como, claro, as pequenas conexões íntimas e o que chama à atenção do campo, o campo de escrever sobre neurociência social, é que temos cada vez menos desses encontros na última geração, e as pessoas estão começando a sentir solidão intensa.

Portanto, creio que uma das mudanças que estou sugerindo no Efeito Vilarejo é que as pessoas deveriam começar a pensar em interação social da mesma forma que pensam em praticar exercícios ou alimentação saudável, que elas têm que planejar em seus dias, pois essas não são mais uma característica natural de nossas rotinas.

Costumávamos ir para a escola e encontrar pessoas no caminho, ou ir para o trabalho e interagir com as pessoas.

Agora, muitas dessas atividades são feitas online e isso é muito solitário.

Fazer compras, por exemplo, ler um jornal, todas essas coisas podem ser feitas sem que se encontre com ninguém.

Toda criança tem sua própria televisão, toda criança tem seu próprio celular, ninguém precisa interagir, e às vezes, as pessoas mandam mensagens de texto uns para os outros dentro da mesma casa.

O mesmo ocorre em locais de trabalho, onde se tem colegas que nunca se cumprimentam e perguntam como foi o final de semana, ou o que a colega achou da partida de futebol, pois quando se comunicam, isso é feito digitalmente.

O que estou sugerindo é que as empresas, ao criar ou procurar uma sede, deveriam seguir, ironicamente, o exemplo do Vale do Silício.

O escritório da Google, por exemplo, foi criado de forma que não se podia chegar no refeitório ou no banheiro sem encontrar, digamos, entre 5 e 10 colegas, pois eles sabiam que são nessas interações ao acaso onde se desenvolve a criatividade, onde as novas ideias começam, foram muito espertos de fazer isso, e quando isso não é proporcionado, deixamos para as pessoas que tentem a elaborar seus locais de encontro, elas podem até conseguir, mas é bem mais difícil.

Costumávamos pensar que seria muito mais eficiente ter turnos de trabalho o dia inteiro, então você tinha turnos diferentes, digamos, três turnos de 8 horas por dia, e teria as pessoas se revezando como se fosse em uma fábrica, então sempre haveria alguém trabalhando.

Mas hoje estamos descobrindo que se as pessoas têm tempo livre, pensamos que isso as faz feliz, mas o que realmente as faz feliz é ter tempo livre enquanto outras pessoas também têm.

Portanto, se você tem tempo de lazer enquanto os outros estão trabalhando isso não te faz mais feliz, te faz mais infeliz.

Chamamos isso de externalidades de rede, como uma característica da nossa rede social que significa que apenas podemos aproveitar uma vantagem quando houverem outros para aproveitar conosco.

E a pesquisa nos mostra que, para nossa surpresa, precisamos de seis ou sete horas de interação social por dia, e isso é um bocado.

16'33" [EDUARDO GIANETTI - trecho em português]

Quanto mais passa o tempo, mais se revela o limite desse projeto civilizatório calcado no domínio da natureza. numa postura muito agressiva em relação aos porções do nosso psiquismo arcaico e... eu acho que o Papa Francisco expressou muito bem a crise civilizatória na encíclica "laudato si" quando ele afirma, numa formula que eu acho lapidar:

"os desertos externos estão aumentando no mundo porque os desertos internos se tornaram tão vastos."

A nossa civilização é a civilização da guerra contra a natureza externa e interna e o que nós temos que buscar é uma convivência muito mais harmoniosa com a natureza externa e com a natureza interna e eu acho que o Brasil tem algo a dizer sobre isso.

Cada cultura tem uma concepção que lhe é própria de felicidade. A felicidade do brasileiro não é a felicidade do sul coreano como não é a do filandês como não é a do americano, certamente! Os meus colegas economistas... eu tenho a impressão que, a maior parte deles acha que se o

Brasil virar um estado do sul dos Estados Unidos com o mesmo padrão de desenvolvimento, tá ótimo! Porque aí nós chegamos lá! O Brasil deu certo e eu discordo profundamente dessa visão. Acho que se tudo der certo no Brasil, nós não somos um estado do sul dos Estados Unidos ou do sul da Europa. Nós somos alguma coisa bem diferente e eu acho que portadores de valores que nos refletem.

O que dá a possibilidade de surgir alguma coisa original no Brasil, na minha avaliação e eu não tirei isso do nada, há toda uma linhagem de pensamento sobre isso. Mas o que nos dá essa promessa de originalidade é o fato de que, na nossa formação, elementos de culturas pré modernas, de extração de ameríndia e africana se integraram e se mantiveram muito vivas no veio principal da vida brasileira. Então nossa forma de vida e sensibilidade, ela carrega uma originalidade por conta da maneira como a cultura afroindígena se integrou à nossa vida. Se nós soubermos respeitar e valorizar e cultivar isso e, ao mesmo tempo, alcançarmos um certo padrão de civilização, eu acho que nós temos algo realmente novo e importante, que nem o mundo precisa seguir mas é a tranquilidade de sermos o que nós somos.

Eu acho que a maturidade de uma cultura é a tranquilidade de ser o que se é. Nós não precisamos nos imaginar como cópias defeituosas, canhestras de uma métrica de sucesso que nunca foi a nossa. De fato, o Brasil não alcançou esse padrão porque ele reluta em abrir mão de outros valores e sacrificá-los em nome de uma métrica de sucesso que é o consumo, o PIB per capita, a tecnologia e a ciência. Não desprezo nada disso mas eu acho que não pode subverter todos os outros valores a isso. Há valores de sociabilidade, de afetividade, de espontaneidade, de alegria de viver, uma disposição lúdica diante da existência. O dom da vida como celebração imotivada. Acho que é isso que o Brasil tem.

Olhando pros países que lideram o processo civilizatório, a gente nota uma presença do medo e quase que um colapso da fé no futuro. As pessoas têm medo do terrorismo, têm medo da imigração, têm medo do colapso financeiro, têm medo do desemprego, têm medo da vida. Das mudanças muito rápidas nos costumes, nos hábitos de vida... toda questão da tecnologia, que tb de certa maneira deixa as pessoas muito baratinadas e perplexas e isso acaba se manifestando em política e em religião. Nós estamos vendo movimentos regressivos que ninguém esperaria no século XXI.

NIALL FERGUSON

Penso que para entender a reação populista, precisamos lembrar que a crise financeira teve grande parte nisso, que também é uma reação à imigração e à crescente desigualdade.

Claro, alguém dos EUA não deveria vir à América Latina dar palestras sobre populismo, pois os Latino-Americanos sabem mais sobre populismo do que qualquer outro no mundo.

Houve mais populismo na América Latina do que no resto do mundo.

Mas vocês sabem o padrão familiar no qual a instabilidade econômica e a desigualdade dão oportunidade a líderes demagogos para dizer, “Posso solucionar esses problemas, o que vocês precisam é um líder forte, e apenas eu posso resolver as coisas realizando as seguintes ações radicais”.

Existem dois sabores de populismo, o de esquerda e o de direita.

Os populistas de esquerda, na maioria, dizem as mesmas coisas, que é aumentar o poder do Estado sobre a economia, dar mais dinheiro dos ricos para os pobres, e essa fórmula foi aplicada diversas vezes na América Latina, mais recentemente na Venezuela.

E os populistas de direita dizem que precisamos destruir as fontes de decadência na sociedade, ter lideranças fortes, restringir a imigração, ou qualquer preocupação que estiver ocorrendo no momento.

Esses dois sabores são frequentemente oferecidos alternativamente, então você experimenta um e, quando não dá certo, experimenta o outro.

Penso que o que está ocorrendo na América do Norte, e em alguma extensão na Europa, se parece muito com uma Latino-Americanização da política.

E já falei mais de uma vez, quando você observa a eleição de 2016 nos EUA, ela teve um ar bastante Latino-Americano, não acha?

Pois havia uma mulher que dizia que deveria ser presidente pois seu marido havia sido antes, o que me lembra da Argentina.

E um homem sem nenhuma experiência na política, mas que tinha ganho um monte de dinheiro em imóveis e *reality shows*, que dizia que apenas ele poderia resolver os problemas do país, oferecendo uma mistura de restrições imigratórias, protecionismo, e coisas do tipo.

Portanto, os EUA certamente se tornaram um país mais Latino-Americano, politicamente, nos últimos 10 anos, mas não acho que isso é surpreendente, considerando pelo que o país passou.

Antes que possamos entender as diferenças entre as Américas do Norte e do Sul, ou entre a América Britânica e a Latina, precisamos reconhecer que, desde o princípio, elas eram diferentes.

O processo de descolonização não é a chave, mas sim o de colonização.

A diferença mais importante, ao meu ver, é que na América do Norte a terra foi distribuída de forma notavelmente igual no processo de colonização, enquanto na América Latina isso não ocorreu.

E, como resultado, na América do Norte, você tem uma distribuição de terra mais igualitária ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX, enquanto que, na América Latina, as primeiras pessoas que chegaram ganharam grandes latifúndios, enquanto o resto teve que se virar sem terras, ou com pedaços muito pequenos de terra.

Isso é uma enorme diferença que fica bem clara com os dados, se você observar, por exemplo, a distribuição de terra nas Américas em, digamos, 1910, é impressionante que 85% das pessoas nos EUA possuíam terra, enquanto na América Latina, essa média cai para 5%.

Portanto é uma diferença enorme.

Se você começa com esse tipo de desigualdade, que foi característica na América Latina, então é claramente muito mais difícil a transição para um governo representativo estável, pois, me parece que, sem posse de terra, fica mais difícil de tornar a democracia estável.

THOMAS PIKETTY

A educação pública, e a difusão da educação e do conhecimento é a principal força histórica que pode reduzir a desigualdade a longo prazo.

E o oposto, quando você não tem acesso igualitário à educação e quando você tem uma enorme concentração de recursos em termos de investimento educacional disponível para diferentes grupos sociais, é quando você tem o aumento da desigualdade.

Portanto, se não for solucionado em tempo, isso pode levar ao aumento do nacionalismo, de políticas xenófobas e identitárias.

Por que? Bem, porque se você não encontra maneiras democráticas de reduzir a desigualdade, então você sempre vai ter políticos que usarão a frustração causada pela desigualdade para achar grupos que eles imaginam e fingem serem os culpados pelo aumento da desigualdade.

Então você pode culpar os trabalhadores estrangeiros, ou imigrantes em meu país, na França, onde a Frente Nacional e a extrema-direita o tentaram.

Nos EUA, Donald Trump tentou botar a culpa do problema nos brancospobres, ou nos negropobres, ou nos latinospobres, ou nos muçulmanos pobres, etc.

No Reino Unido há o *Brexit*, como sabemos, e se não prestarmos atenção iremos cada vez mais em uma direção onde políticas identitárias e discursos xenófobos ganham força.

E não creio que seja coincidência se os dois países onde vimos a ascensão de Trump e o *Brexit* em 2016 sejam os dois países do ocidente nos quais o aumento da desigualdade foi mais forte.

Portanto, isso é algo que poderia ocorrer em outro lugar também e, penso que isso seja, em minha opinião, o maior perigo do aumento da desigualdade.

DEIRDRE McCLOSKEY

É extraordinário quanto discurso de ódio existe no mundo hoje, e como certos políticos se aproveitaram da oportunidade para odiar as pessoas, para diferenciar as pessoas, e temo que teremos que passar por um período de populismo, tanto de direita quanto de esquerda, mas creio que especialmente de direita, antes de aprendermos que isso não funciona.

Quero dizer, no meu país, temos Donald Trump, uma pessoa terrível, um homem muito ruim.

Mas temos que ter esse homem ruim por um tempo, para então dizer, opa, talvez não seja bom ter um homem ruim e tolo como presidente.

O liberalismo verdadeiro, supostamente o liberalismo cristão, que deve incluir a responsabilidade de ajudar os mais pobres, é incompatível com ódio e divisão por gênero, homens e mulheres, ou por raça, sei que é mais complexo aqui no Brasil do que nos EUA, mas mesmo assim, você pode ver no comportamento de Trump esse encorajamento de ódio racial, ou religioso, ou de preferência sexual, etc.

O verdadeiro liberalismo se baseia no desejo que todos sejam tratados com dignidade, que afirmemos nossas identidades e cooperemos para um mundo melhor para nós, sem violência, sem o uso do Estado.

AMÓS OZ

Há uma crise universal da democracia.

Israel é parte dessa crise, creio que o Brasil também seja.

E parte dessa crise tem relação com o fato de que mais e mais pessoas não diferenciam mais a política e o entretenimento.

Eles votam porque querem diversão.

Eles votam porque querem algo completamente diferente, não importa o que, mas querem um filme político diferente agora.

Eles votam porque querem emoção.

Eles votam porque querem o escândalo, e eles adoram escândalos.

E muitos não mais entendem a real relação entre a maneira que votam e seu destino após as eleições.

Eles votam porque querem que as coisas sejam divertidas.

Alguém muito excêntrico como Trump, alguém bem jovem como Macron na França, alguém extremamente radical, alguém extremamente revolucionário, alguém completamente inesperado.

Diversão. Essa é a crise da democracia.

A outra crise, talvez mais profunda, é que quanto mais complexas as questões mundiais se tornam, mais as pessoas desejam respostas muito simples.

A globalização é uma questão complexa. Tem lados bons e lados ruins.

O aquecimento global é uma questão complexa, com muitos lados, e as pessoas querem uma resposta de uma linha.

Os fanáticos, os extremistas, os radicais, a extrema-direita, a extrema-esquerda, eles sempre oferecem uma fórmula bastante simples, eles sempre dizem quem são os bandidos, e que nos livrando deles os portões do paraíso se abrirão.

As pessoas optam por respostas simples pois as questões ficaram mais complicadas.

GILLES LIPOVETSKI

Acredito que para lutar contra as ideologias simplistas do mundo, ainda precisamos de intelectuais que mostrem as faces diversas, complexas, paradoxais, contraditórias do mundo. O mundo no qual estamos não é homogêneo. Ele é atravessado por forças, tensões... E isso é

bom, pois se existirem tensões, podemos agir. E é preciso agir onde acreditamos poder fazer as coisas mudarem para melhor. Se, ao contrário, você fizer leituras totalmente unidimensionais, homogêneas... Aí o que podemos fazer? A revolução.

Mas que revolução?

AMÓS OZ

Como curar um fanático é uma pergunta difícil, não é como se existisse uma espécie de injeção que pudesse curar um fanático.

Mas creio que o senso de humor seja um grande remédio.

Nunca vi um fanático com senso de humor.

Nunca vi uma pessoa com senso de humor se transformar em um fanático, a não ser que tenha perdido esse senso de humor, especialmente a capacidade de rir de si mesma.

Esse é o humor fino, que é um antídoto ao fanatismo.

Outro antídoto é a curiosidade e, de fato, a arte e a literatura são uma celebração da variedade de experiências humanas, a celebração das diferenças entre homens e mulheres, entre as culturas diferentes, entre as idades diferentes, entre políticas diferentes, é uma celebração do pluralismo.

Portanto, acredito muito na curiosidade.

O humor e a curiosidade são minha religião, na verdade.

LEONARDO PADURA

Eu tenho uma... Sou muito pessimista, creio que chegamos num ponto no qual será muito difícil voltar a ter um equilíbrio e uma possibilidade de diálogo.

Já faz um tempo, estive na Colômbia e conheci uma pessoa da etnia Wayuu.

O povo Wayuu são os nativos da península de La Guajira, no norte da Venezuela e da Colômbia.

Eles são os nativos que, em "Cem Anos de Solidão", de García Márquez, trazem a doença do sono para Macondo.

E eles tem um personagem com um papel social muito importante em sua comunidade que se chama *El Palabrero*.

El Palabrero é uma pessoa com grande capacidade de fala e conhecimento que, quando dois indivíduos, ou dois grupos que estão em um conflito que chega em um ponto insolúvel, eles procuram *El palabrero* e ele escuta um lado, então escuta o outro, e os convence que sempre, através do diálogo, é possível se chegar a um entendimento.

Gostaria que o mundo funcionasse como os *Palabrer*osWayuu, mas creio que chegamos em um momento no qual não escutamos uns aos outros, no qual o fundamentalismo é posto como o caminho para expressar os sentimentos das partes.

Isso ocorre em nível global, mas também ocorre em níveis nacionais.

As histórias que ocorreram no Brasil nos últimos dois anos, no mundo político brasileiro, são carregadas de ódio e oportunismo.

E no caso de Cuba, as soluções para o futuro de uma parte ou da outra estão cheias de ódio, ressentimento e inabilidade de dialogar.

Não peço para ser ouvido, peço uma conversa.

AMÓS OZ

No século XX, devido ao grande trauma de Hitler e Stalin, as pessoas ficaram relutantes por um tempo.

Elas tomaram cuidado com seu ódio, tomaram cuidado com o fanatismo radical, com o racismo.

Esse foi o presente de Hitler e Stalin, eles nunca tiveram a intenção de nos apresentar, mas nos deixaram um bom presente.

Agora esse presente está chegando na sua data de validade.

Uma nova geração está emergindo que pouco lembra dos horrores cometidos por Stalin e Hitler e, portanto, o ódio, o racismo, a misoginia e o preconceito estão por todo o lado novamente.

APRESENTADORA KAYA RODRIGUES

Direitos humanos são para humanos direitos; mulher com roupa curta está pedindo para ser atacada; tá com pena? leva pra casa! A menina é preta, tem cabelo horrível; eu gostaria que você fosse estuprada de novo; vira homem, senão leva bala; mulher tem que se dar ao respeito, bando de vagabundo, gorda, vadia, infiel, herege.

SUSAN PINKER

Creio que a internet tenha tido um papel importante na propagação do discurso de ódio. Pois não existem editores na internet, em muitos casos não há essencialmente ninguém monitorando o que as pessoas dizem.

E, por haver uma sensação de anonimato porque você pode se esconder atrás de um avatar, por exemplo, ou você não precisa responder por seus comentários, então as pessoas sentem nessa incrível liberdade de expressar ideias de ódio, que também são inverdades.

O conceito de *fake News* veio da internet, onde essencialmente ninguém está lá para te dizer que você está errado cara a cara.

E o outro aspecto das redes sociais é que quando você está interagindo com alguém de forma mais íntima, cara a cara, e diz algo ofensivo, você imediatamente percebe o impacto disso na pessoa, a expressão dela evidencia o que está sentindo.

E, exceto por psicopatas extremos, isso tem um efeito inevitável na pessoa que fez o comentário.

Então, existe uma espécie de mecanismo de autocorreção quando você está num grupo de pessoas e elas monitoram umas as outras, e os tipos de coisas que podem ser ditas ou expressas.

E a internet removeu esses tipos de restrições sociais, e agora é um Velho Oeste, e as pessoas podem dizer coisas ofensivas sem que ninguém as repreenda.

APRESENTADORA KAYA RODRIGUES

Uma cidade é um conjunto de ruas com carros passando e buzinando, um conjunto de buracos, de placa escritas "EM OBRAS" e ônibus lotados às 8 da manhã. É um conjunto de prédios, com seres humanos acordando apressados para os seus trabalhos, com outros chegando cansados, com ruídos de televisão ligada, sintonizando na novela das 9 (a TV ainda resiste, mas respira por aparelhos). São orquestras de mensagens de celulares e pessoas ansiosas por respostas imediatas. São edifícios com elevadores lotados de humanos levando suas neuroses para passear. Condomínios com crianças brincando no play, cercadas por grades por todos os lados. Uma cidade também é um conjunto de praças, bares, esquinas. Lugares que insistem em lembrar que os seres humanos também foram feitos pra conviver, pra levarem seus cachorros para cheirar outros cachorros. Lugares para os idosos jogarem damas e as crianças que sobraram brincarem livres. Mas, mais que tudo, cidades, países, civilizações são conjuntos de regras, de narrativas, de códigos e convenções. Exercícios coletivos de ficção.

Os aviões possuem suas caixas pretas como formas de registro de seus sistemas. E se o mundo possuísse sua própria caixa preta? E você pudesse deixar sua impressão do mundo para ser encontrada por civilizações futuras. O que você gostaria de deixar dentro dela?

NIALL FERGUSON

Pensávamos que éramos mais poderosos que deus, acreditávamos que nossa tecnologia era a melhor coisa, não só na terra, mas no universo.

E subestimamos a lei da história, a lei das consequências imprevistas, que é a única lei da história.

E as consequências imprevistas da nossa tecnologia foram criar um mundo em chamas, guerras tão destrutivas que não deixaram sobreviventes.

E eis meu conselho para você, sobrevivente do século XXII: não cometa o mesmo erro, não invista tudo na tecnologia. Lembre-se que as coisas que importam a respeito da condição humana são universais e não podem ser abstraídas na tecnologia e, se você puder encontrar a filosofia e o teatro dos gregos antigos, ou a literatura europeia dos séculos XVI e XVII, as peças de Shakespeare, ou os grandes romances dos séculos XIX e XX, por favor, se você puder achar eles em algum lugar, talvez uma biblioteca tenha sobrevivido, os leia, pois eles são as únicas coisas que realmente importam sobre a civilização, não os dispositivos, não as tecnologias, não os motores que consomem combustível fóssil, são esses essenciais da humanidade que eu espero que você encontre em algum lugar dessa terra pós-apocalíptica.

DEIRDRE McCLOSKEY

O que quero colocar na Caixa Preta é a ideia que veio para a Europa por acidente, não pelos europeus serem superiores, nos anos 1700, que dizia que todos os seres humanos haviam sido criados igualmente e tinham recebido de seu criador certos direitos, entre os quais a vida, a liberdade e a procura da felicidade.

AMÓS OZ

Meu conselho, não só para vocês, mas também para meus filhos e netos, meu conselho para todos: Por favor, continuem curiosos sobre pessoas diferentes. Não tente torná-los iguais a você. Não tente convertê-los, não tente salvar suas almas. Seja curioso sobre eles. Você sabe, todos nós temos esse desejo de escolher uma janela de algum vizinho. Não só para ver como eles são sem roupas, mas para ver se eles são como nós mesmos. Eles são diferentes? Agora, na minha escrita, eu sugiro algo além de só olhar para a janela de alguém. Eu sugiro: tente ver como o mundo se parece da janela de outra pessoa. Suponha que você está não na sua janela, mas na janela do seu vizinho. Na janela de alguém em um continente diferente, religião, período, ideologia, sexo diferente. Tente ver o mundo da janela dele, da janela dela.

LUCIANO PADURA

Penso que se essa Caixa Preta é possível, eu teria que deixar diversas mensagens.

A humanidade demonstrou que não aprende com experiências históricas, a histórica é como ciclos, nos quais as ocorrências não se repetem, mas os erros sim.

E acredito que, se algo pode ser dito, seria um corte de conhecimento, de comunicação.

E algo que eu deixaria para as gerações futuras é observar a história e tentar aprender com os erros que foram tantas vezes repetidos.

SUSAN PINKER

Hum.

Acho que você conseguiu realizar a rara façanha de me deixar em palavras.

Penso que nesse momento atual, por estarmos caminhando em uma direção de cada vez maior de isolamento social, mais, creio, independência das outras pessoas, com as vantagens e desvantagens que isso acarreta, acho que a mensagem que eu colocaria na Caixa Preta seria que precisamos uns dos outros, como falamos no começo da entrevista, quando você falou sobre nenhum homem ser uma ilha, que é de John Donne, penso que seria essa a mensagem que eu deixaria, pois se continuarmos nesse caminho, estaremos sozinhos, dirigindo sozinhos para o trabalho, passando nosso tempo livre sozinhos, e até tendo nossas vidas sociais sozinhos, interagindo apenas através da mediação de uma tela.

E acho que a mensagem que eu deixaria é que isso não é a mesma coisa que estar lá de fato.

FIM

CRÉDITOS FINAIS